

O papel do Estado

Em meio a esse cenário, o processo de tombamento do quilombo Kalunga, conduzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), surge como uma tentativa de reconhecimento e proteção. Em nota, o instituto informa que o processo está na fase inicial administrativa, que inclui abertura do processo, estudos técnicos, proteção provisória e notificação dos envolvidos. O objetivo é viabilizar o inventário participativo e a construção do dossiê técnico.

Enquanto o Iphan atua na condução técnica do processo, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) participa como parceiro na promoção do desenvolvimento territorial sustentável. A atuação conjunta inclui a elaboração do Inventário dos Bens Culturais e das Potencialidades Econômicas das comunidades, com visitas técnicas, reuniões e oficinas. A participação da comunidade é central, já que serão os próprios moradores que indicarão quais bens culturais devem ser protegidos.

Após essa etapa, será realizado um chamamento público para contratação de uma organização da sociedade civil, que dará continuidade ao processo. Também está prevista a criação de um comitê gestor para acompanhar as ações de salvaguarda.



Na comunidade Ema, hieróglifos sinalizam os pontos cardeais e "relogio" para a colheita

Entre os desafios apontados estão as dimensões do território e as dificuldades logísticas. Por isso, o processo precisa ser construído de forma participativa, garantindo que a preservação esteja alinhada com a autonomia da comunidade.

Para a gestora estadual de turismo do Sebrae Goiás, Priscila Vilarinho, a iniciativa representa uma ação inédita no país. "Além da proteção legal, o projeto busca caminhos para o desenvolvimento sustentável, gerando renda e oportunidades a partir da cultura Kalunga."

O Sebrae atua em três frentes principais: agricultura familiar, empreendedorismo — especialmente feminino — e valorização cultural com impacto econômico. Entre os projetos está o Mandala, voltado à produção sustentável, com irrigação por gotejamento e capacitação técnica. Outro destaque é o projeto Amar é, que capacitou cerca de 100 jovens mulheres em corte, costura e empreendedorismo, incentivando a criação de marcas com identidade cultural.

No turismo, o modelo de base comunitária transformou a realidade local. A comunidade Engenho II recebe cerca de 25 mil visitantes por ano. Esse trabalho foi reconhecido nacionalmente, com a associação local vencendo o Prêmio Nacional do Turismo em 2023.

O futuro depende de quem permanece

Enquanto políticas públicas avançam e projetos são implementados, o território Kalunga continua sendo sustentado por quem está ali todos os dias.

Na comunidade Ema, Esther Fernandes, professora, lavradora e atual vice-presidente da AQK, resume esse sentimento. "O que a gente mais gosta aqui é de viver. Viver em paz, com todo mundo sendo parente." A fala dela traduz o que está em jogo: não é apenas a terra, mas o modo de vida. Esther aponta o que ela e a população espera do tombamento: "Um dos nossos pedidos é que cuidem dos nossos cemitérios, restaurem e continue da mesma forma que fazemos hoje". A fala carrega tradição. Culturalmente, cada comunidade possui seu cemitério e eles são separados por crianças e adultos, para que mantenha o cemitério dos anjinhos.

Hoje, ao olhar para trás, ela reconhece que, mesmo com as limitações, foi esse mesmo sistema simples que sustentou as primeiras articulações políticas e sociais do povo Kalunga. Ao comparar com o presente, em que há mais acesso à informação, projetos e diálogo com instituições, Ester vê avanços importantes, especialmente na educação e na organização comunitária. Ainda assim, reforça que a essência da comunicação permanece a mesma: coletiva, construída na escuta e na união, porque, para ela, foi dessa forma que o território resistiu, estruturou-se e segue lutando por seus direitos.



A cachoeira Candaru é um dos principais atrativos do Turismo de Base Comunitária



No Engenho II, a agricultura familiar movimenta cerca de 25% da renda local



Cachoeira Santa Bárbara, tesouro escondido dentro da Comunidade Kalunga